



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Quando estamos perante “códigos” disto e daquilo, recheados de “o que fazer” e do que “não fazer”, quando não faltam calhamaços de normas, leis e preceitos, que impõem formas de ser e de estar, que, não poucas vezes, atrofiam mentalidades e obscurecem relações, facilmente corremos o risco de perdermos no periférico, gastando energias e esgotando possibilidades com realidades que apenas e só estão ao serviço daquela que é a verdadeira “norma”: ficamos muitas vezes presos, quase que escravizados pelos “ritos explicativos” que pela centralidade do “sacramento” e com o “carácter” que ele imprime.

Não faltam mandamentos, leis, preceitos, normas, orientações e mais um punhado de não sei mais o quê, muitas, por mais canónicas que sejam, não deixam der ser preceituário de pena humana, com sabor a moralismo bafiento quase desumano, muito pouco, ou nada mesmo, evangélico e, pior que tudo, oportunidades, formas e meios de autêntico “terrorismo espiritual” que ameaçam com chamas de fogo vivo que, como se não bastasse o pavor, medo e angústia que instala, atira o pobre “pecador” para um inferno que não é mais que o não saber-se amado, querido e salvo pelo Deus de Jesus Cristo.

Na rota da vida, que dizemos ser, e querer, “religiosa” ao invés de “cristã”, satisfazemo-nos por viver e praticar uma série de coisas, ao jeito de um “pica cartão”; cumpre-se, ou tenta-se cumprir, uma série de obrigações, para que o nome fique “descarregado” lá nas listagens do “culto” ou da “cota” da Igreja!

Procuramos agradar a Deus, e até mesmo impressioná-Lo, com mais isto ou aquilo, oferecendo-lhe “ouro, incenso e mirra” e uma mão cheia de “sacrifícios” e boas obras para que Ele veja que, apesar de tudo, O amamos, e depois, “eu não mato, não roubo, rezo o terço todos os dias, vou à missa ao domingo, confesso-me pela Páscoa, não quero mal a ninguém”, e é isto! Estamos nisto! Ainda!

Tudo válido, mas será que a “lei e os profetas” resumem-se a isso? Será que o Evangelho não tem outra novidade? Ou será que preferimos coisas “velhas”?

A pergunta inicial era precisamente esta: “Qual é o maior mandamento da Lei?”. A resposta, logicamente, não podia ser outra, aprendemos isso na catequese: amar a Deus sobre todas as coisas. Sim, amar a Deus, mas amar com um amor pleno, total, evolvente, que implique todo o ser e o ser todo do que somos, temos e fazemos. Desconcertante foi o facto de, embora a pergunta ter sido sobre o maior mandamento, e por ser mesmo o maior, Jesus associa ao amor a Deus o amor ao próximo: “amá-lo como a nós mesmos”.

E tudo ficou resumido, profundamente condensado: Amar a Deus e aos irmãos e tudo o resto não são mais que formas de concretizar, encarnar, viver e expressar este amor. Já Santo Agostinho dizia que “ama e faz o que quiseres”, a questão é que fazemos o que queremos e, na maior parte das vezes, sem amar, porque se amor houvesse?! Passamos demasiado tempo de olhos postos no Céu, numa atitude de verticalidade, esquecendo-nos da dimensão horizontal do amor. Se a haste vertical da cruz nos aponta o Céu - Deus, a horizontal aponta-nos o mundo: os outros. Cuidado que, se falhar uma haste, não há cruz e sem cruz não há salvação. O verdadeiro amor tem disto: dois em um!

O amor aos irmãos duplica os “pontos” no campeonato de Deus, e o “eu tenho dois amores” é mesmo, e só, uma canção do Marco Paulo.

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XXX DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano A

1ª Leitura

Êxodo 22, 20-26

«Se fizerdes algum mal à viúva e ao órfão, inflamar-se-á a minha ira contra vós»

2ª Leitura

1 Tessalonicenses 1,5c-10

«Convertestes-vos dos ídolos para servir a Deus e esperar o seu Filho»

Evangelho

São Mateus 22, 34-40

«Amarás o Senhor teu Deus e o próximo como a ti mesmo»

A Palavra de Deus que nos é oferecida neste 30º Domingo Comum diz-nos, de forma clara e inquestionável, que o amor está no centro da experiência e vivência cristã. O que Deus pede - ou antes, o que Deus exige - a cada crente é que deixe o seu coração ser submergido pelo amor.

O Evangelho diz-nos que toda a revelação de Deus se resume no amor - amor a Deus e amor aos irmãos; estes dois mandamentos não podem separar-se: “amar a



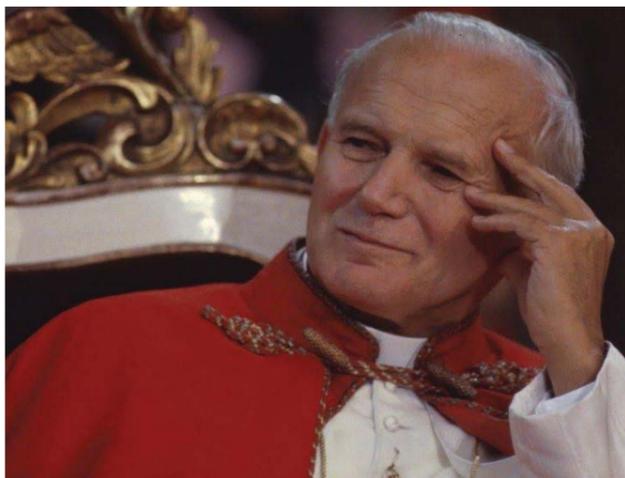
Deus” é cumprir a sua vontade e estabelecer com os irmãos relações de amor, de solidariedade, de partilha, de serviço, até ao dom total da vida. Tudo o resto é explicação, desenvolvimento, aplicação à vida prática dessas duas coordenadas fundamentais da vida cristã.

A primeira leitura garante-nos que Deus não aceita a perpetua-

ção de situações intoleráveis de injustiça, de arbitrariedade, de opressão, de desrespeito pelos direitos e pela dignidade dos mais pobres e dos mais débeis. A título de exemplo, a leitura fala da situação dos estrangeiros, dos órfãos, das viúvas e dos pobres vítimas da especulação dos usurários: qualquer injustiça ou arbitrariedade praticada contra um irmão mais pobre ou mais débil é um crime grave contra Deus, que nos afasta da comunhão com Deus e nos coloca fora da órbita da Aliança.

A segunda leitura apresenta-nos o exemplo de uma comunidade cristã de Tessalónica que, apesar da hostilidade e da perseguição, aprendeu a percorrer, com Cristo e com Paulo, o caminho do amor e do dom da vida; e esse percurso - cumprido na alegria e na dor - tornou-se semente de fé e de amor, que deu frutos em outras comunidades cristãs do mundo grego. Dessa experiência comum, nasceu uma imensa família de irmãos, unida à volta do Evangelho e espalhada por todo o mundo grego.

SABIAS QUE...



Sabias que no passado dia 22 de Outubro a Igreja celebrou São João Paulo II? Baptizado Karol Józef Wojtyła, São João Paulo II nasceu a 18 de Maio de 1920, em Wadowice, Polónia, celebrando-se, este ano, o centenário do seu nascimento. A sua vida ficaria marcada pela invasão nazi da Polónia em 1939, sendo que, em 1942, entrou, clandestinamente, para o Seminário Maior de Cracóvia. Continuou a sua formação, já no pós-guerra, sendo ordenado sacerdote em 1946. Em 1964, foi nomeado Arcebispo de Cracóvia e criado cardeal 3 anos depois pelo Papa São Paulo VI, participando num dos momentos mais marcantes da história

da Igreja - o Concílio Vaticano II - e contribuindo para a elaboração da Constituição Gaudium et spes. Com a morte inesperada do Papa João Paulo I, em 1978, e contra todas as previsões, foi eleito Papa a 16 de Outubro daquele ano iniciando, 455 anos depois, um pontificado liderado por um Papa não italiano e que viria a ser um dos mais longos da história - quase 27 anos. Ao longo do seu pontificado, foi construtor de pontes inter-religiosas, promovendo o ecumenismo; motor de mudança no mundo, contribuindo para a libertação dos povos do leste da Europa; promotor do papel dos jovens na Igreja, criando, em 1985, as Jornadas Mundiais da Juventude; mensageiro do culto Mariano, dando a Fátima e à ligação que o próprio fez entre a sua vida e o atentado que sofreu e a mensagem da Virgem um papel decisivo em todo o seu pontificado. Assinalando-se, este ano, 15 anos do seu falecimento, foi tornado beato pelo seu sucessor, Papa Bento XVI, em 2011, e santo, em 2014, pelo Papa Francisco. Foi, também, o único Papa a visitar as ilhas dos Açores, em 1991, fazendo de todos nós, seus contemporâneos, testemunhos do seu caminho de santidade que nos indica e guia para uma Igreja mais jovem, viva, dinâmica, presente e ecuménica. Aceitemos, pois, o desafio que nos deixou logo na sua primeira homilia como Papa, em 1978, e não tenhamos medo de abrir, de escancarar as portas dos nossos corações a Cristo e ao Seu poder!

POR CÁ

Pastoral Juvenil prepara arranque do Ano Pastoral

Concluídos os diversos encontros “online” com as Equipas Coordenadoras da Pastoral Juvenil de cada uma das nossas ilhas, nos quais participaram não só os sacerdotes coordenadores como também os leigos que integram as respectivas equipas e após o encontro diocesano, também online, onde se “reunirão”, em simultâneo, todas as Equipas Coordenadoras de Pastoral Juvenil da Diocese, o Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil começa a preparar o lançamento do próximo Ano Pastoral, um ano que terá em conta, não apenas a Caminhada Sinodal que está a ser vivida em toda a Diocese como também a caminhada rumo à Jornada Mundial da Juventude a realizar-se em 2023 em Lisboa.

Para além da possibilidade de conhecer e aprofundar a realidade e especificidades da Pastoral Juvenil em cada uma das ilhas, tendo-se ficado como uma ampla e mais concreta e real visão do todo da Diocese, foram escutadas as aspirações, anseios, necessidades, dificuldades e desafios sentidos por cada uma das diferentes ilhas, auscultando-se ao mesmo tempo, sobre o que aquele Serviço Diocesano pode e deve fazer por todas e em todas as ilhas, em particular e no todo diocesano.

Assim, destacam-se três grandes prioridades para a Pastoral Juvenil nos próximos tempos: formação, espiritualidade e acompanhamento, prioridades que estarão na base da programação do Ano Pastoral que se avizinha.

Marcará também, não apenas a programação deste ano mas também dois próximos, a Jornada Mundial da Juventude a ser vivida no Verão de 2023, uma Jornada que, mais que um ponto de chegada deverá ser estímulo e motivação para uma caminhada no seu antes que venha a projectar-se no seu pós.

Segundo o Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil, estes anos que se avizinhão são de suma importância para a Igreja em Portugal, e na nossa Diocese no que à Pastoral Juvenil diz respeito; são anos e tempos que podem ser mesmo decisivos para o futuro da Igreja, contudo, para que tal venha a acontecer, é requerido o envolvimento e empenhamento de todos nesta tarefa, não só daqueles que mais directamente estão ligados a este sector da pastoral mas de todos, começando pelos primeiros e mais responsáveis das Comunidades que são os párocos, não esquecendo as famílias e os próprios jovens.

POR LÁ

Papa questiona “quem reza mas despreza os irmãos”



O Papa Francisco criticou o que chamou de “ateísmo prático” dos que rezam a Deus, mas ignoram quem sofre, ao seu lado, ou têm “ódio” no seu coração: “Deus não suporta o ‘ateísmo’ daqueles que negam a imagem divina impressa em cada ser humano. Esse ateísmo de todos os dias: ‘Eu acredito em Deus, mas em relação aos outros, distância’, permitindo-se odiar os outros. Isto é ateísmo prático”. Esta crítica foi feita pelo Papa na audiência pública semanal que decorreu no Auditório Paulo VI, na passada Quarta-feira.

“Deixar de reconhecer a imagem divina impressa em cada ser humano é um sacrilégio, uma abominação, é a pior ofensa que se pode levar ao templo e ao altar”, acrescentou.

Naquela Catequese, Francisco questionou os que vão à Missa apenas para serem vistos, para fazer “boa figura social”, ou quem reza como “os papagaios”: “A oração é o centro da vida. Se houver oração, o irmão, a irmã, também se torna importante. Inclusive os inimigos”, observou. O Papa sustentou que a oração não é “um calmante para aliviar as ansiedades da vida”, mas um ato que “responsabiliza” o crente.

De improviso, o Papa comentou a impressão que lhe suscitou o choro de uma criança e a “ternura” da sua mãe, que o amamentava: “Quando acontece isto numa igreja, ouvir o choro de uma criança, sentir que ali está a ternura de uma mãe, é o símbolo da ternura de Deus conosco. Nunca se deve mandar calar uma criança que chora na igreja, nunca”, pediu.

De improviso, o Papa comentou a impressão que lhe suscitou o choro de uma criança e a “ternura” da sua mãe, que o amamentava: “Quando acontece isto numa igreja, ouvir o choro de uma criança, sentir que ali está a ternura de uma mãe, é o símbolo da ternura de Deus conosco. Nunca se deve mandar calar uma criança que chora na igreja, nunca”, pediu.

ENTRE NÓS...

Tudo posso n’Aquele que me fortalece

Constantemente pensamos, no nosso quotidiano, que a nossa vida é tão difícil, desafiadora, cheia de obstáculos. Acontecimentos que não são mais do que um caminho para conseguirmos ser mais felizes, de uma forma que nos sintamos verdadeiramente realizados.

Foi num destes dias, que o que parecia ser um dia normal de trabalho, durante a pandemia, viria a revelar-se um grande “pesadelo”.

O telemóvel tocou e do outro lado aquela voz amiga, mas ao mesmo tempo séria de quem tem uma triste notícia a informar. Há 3 semanas que aguardava ansiosa pelo resultado de uma biópsia. E mesmo tentando animar-me, a tal voz por fim disse que me tinha sido diagnosticado cancro da mama.

O meu mundo ruiu ali... E agora? O que faço? Porquê eu?

Depois de uma notícia destas a tendência é pormos em causa as nossas convicções e a nossa fé. Jesus porquê a mim? Inicialmente fiz-me esta pergunta várias vezes, até que mudei o discurso: “E por que não a mim?”. Não sou melhor do que ninguém e se é esse o plano que Jesus tem para mim, vou aceitá-lo e abraçá-lo.

O primeiro passo já estava dado, a aceitação de que estava doente e que tinha de lutar com todas as minhas forças para derrubar esses “monstrinhos” como gosto de os chamar. Fazer desta nova etapa um verdadeiro caminho, por mim, por quem me rodeia.



Nesta fase, e quando me consciencializei deste caminho que tinha de percorrer, pude perceber que o cancro da mama tem uma taxa de cura elevadíssima, desde que detetado a tempo. Havia esperança!

Voltando um pouco atrás, pois muitas mulheres têm-me perguntado como detetei os tumores e como fiquei mais

alerta. Bem, foi durante o banho, fazendo o autoexame da palpação - confesso que não tinha o hábito de o fazer - que senti os dois nódulos e fiquei preocupada. A partir daí seguiram-se as consultas médicas, os exames e finalmente o diagnóstico. E isso levou-me também a perceber a importância de estarmos atentos, não

esperarmos sempre que tudo se depare perante nós sem fazermos a nossa parte. Há passos que só nós podemos e devemos dar.

É claro, nem tudo é um “mar de rosas”, como vulgarmente dizemos. Periodicamente tenho de me preparar para os tratamentos e sobretudo para os efeitos secundários. E vou encarando cada um com um novo ânimo. A queda de cabelo, por exemplo, assumi-a desde início. Adotei o estilo de uma “careca linda”, como gosto de o chamar, orgulhosa, confesso.

E neste processo até me comecei a preocupar mais com a minha alimentação, a ter um maior respeito pelo meu corpo, que me foi dado como instrumento. Como dizia São Francisco, “Senhor, faze-me instrumento da vossa paz”.

Nos momentos mais difíceis e quando me sinto fraquejar, Jesus arranja sempre uma maneira de me lembrar que não estou só, seja através de uma mensagem recebida do nada no telemóvel, seja através de um telefonema, ou até de uma visita inesperada.

Faço este caminho alegre, com tudo o que me é dado, bom e desafiante. E ajuda-me rezar com pequenas frases da bíblia: “Tudo posso n’Aquele que me fortalece”, da Carta ao Filipenses e “O Senhor é meu Pastor, nada me faltará”, do Salmo 23.

É este o meu caminho. Aceitas percorrer o teu?

Isabel Falcão